

Vão começar negociações com Governo para fusão da UTL e UL

02-05-2012 11:07

Jornalista: Lúcia Vinheiras Alves / Imagem e Edição: António Manuel



Universidade de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa vão avançar com a negociação com o Governo sobre a fusão entre as duas instituições para criar aquela que será a nova Universidade de Lisboa.

Conselhos Gerais da Universidade de Lisboa (UL) e da Universidade Técnica de Lisboa (UTL) reúnem-se e aprovam início do processo de negociação com o Governo que irá conduzir à fusão entre as duas instituições.

Em conferência de imprensa, António Cruz Serra, Reitor da UTL refere que o objetivo é a definição de um quadro legal que garanta maior autonomia.

«Aquilo que nós queremos fundamentalmente é um regime que nos permita fazer a gestão administrativa das Universidades de uma forma muito mais ágil, tratar as receitas próprias da nova Universidade sem os constrangimentos absolutos que neste momento resultam das imposições e do grande controlo que tem sido feito por parte do Ministério das Finanças, que naturalmente tem como grande objetivo a redução do défice das contas públicas. Que de cada vez que toma medidas que impedem a realização de despesas na Administração Pública, coloca as universidades numa situação de grande dificuldade em gerir as suas receitas próprias», afirma António Cruz Serra.

Receitas próprias que para o Reitor são essenciais para dar resposta às necessidades das universidades.

«As universidades portuguesas têm como problemas fundamentais o seu financiamento público, o envelhecimento do corpo docente e o número baixíssimo de lugares de professor catedrático e professor associado», afirma o Reitor da UTL.

António Cruz Serra adianta ainda que: «aquilo que a nova Universidade tem de ser capaz de fazer é de inverter esta lógica de financiamentos muito abaixo dos financiamentos críticos e de sermos capazes de ter uma agilidade administrativa que quando temos dinheiro de uma empresa ou financiamento da Comissão Europeia para fazer um projeto não deixemos de contratar os investigadores e os trabalhadores que é necessário para

realizar o projeto. Porque só dessa maneira conseguimos mudar a universidade portuguesa».

Dada a atual crise económica e financeira, a fusão deverá garantir maior autonomia na gestão do financiamento, mas para Adriano Moreira, Presidente do Conselho Geral da UTL isso não é o mais importante.

«O ponto principal da universidade não pode ser reduzido ao problema do financiamento e da gestão. E transmitir isso ao país não é bom. Há três capacidades que a universidade tem que ter: tem que investigar, tem de ensinar e tem de gerir. O gerir é fundamental mas para ser mais eficaz na investigação e no ensino. Esta é a hierarquia», afirma Adriano Moreira.

Em relação às negociações com o Governo, António Sampaio da Nóvoa, Reitor da Universidade de Lisboa, está otimista. «Estamos absolutamente convencidos, como aliás dizemos na declaração conjunta que foi aprovada nos Conselhos Gerais, que tanto o Governo como a sociedade saberão reconhecer a generosidade deste gesto e saberão dar-nos o apoio que nós necessitamos».

A concretizar-se a fusão, a nova Universidade de Lisboa aumentará de dimensão, ficando com 46 mil alunos, 3200 docentes e investigadores, 2100 não docentes e um orçamento anual de 293 milhões de euros.

Apesar das condições se terem reunido para avançar no processo de negociação, durante o debate público foram muitas as vozes que puseram em causa que uma maior dimensão da universidade traria qualidade comparativa às melhores universidades do mundo, como por exemplo, Cambridge que tem 17 mil estudantes, 6 mil docentes investigadores e um orçamento anual de 1.500 milhões de euros.

António Sampaio da Nóvoa refere que: «a maneira como o debate é travado é muito incorreta. Porque é evidente que compararmo-nos às dez universidades, quase todas elas privadas, que têm dotações fabulosas é impensável. O que se mostra é que uma universidade pública como nós queremos ser é uma universidade que tem que ter uma dimensão também ao nível de alunos que lhe permita a captação de um conjunto de recursos de investigação, de recursos humanos e alguma sustentabilidade financeira».

Também Cruz Serra refere que não é possível comparar as duas realidades.

«Cada uma dessas universidades tem um orçamento que é maior que todo o orçamento do ensino superior português. Quando nós falamos do orçamento do MIT estamos a falar de mil milhões de euros por ano, do orçamento de Harvard estamos a falar de dois mil milhões de euros por ano, de Oxford e de Cambridge estamos a falar das mesmas coisas. O orçamento do ensino superior todo em Portugal é de 700 milhões. Estamos a falar de coisas incomparáveis. E o que se passa em Portugal é que temos um financiamento público que é miseravelmente baixo, muito abaixo daquilo que deveria ser, muito abaixo daquilo que é a média de financiamento da OCDE por aluno», afirma o Reitor da UTL.

Para os sépticos em relação à fusão, a qualidade da Universidade não se mede pelo número de alunos, mas sim pelo número de investigadores e a produção científica. Uma ideia que Sampaio da Nóvoa diz partilhar: «O objetivo é aumentar e muito a massa crítica em número de investigadores. E como é que se aumenta a massa crítica em número de investigadores? Aumenta-se tendo uma capacidade de captação de receitas, de candidatura a projetos europeus, de ligação a empresas e ao tecido industrial que permita através de um conjunto de geração de receitas próprias a esse nível, podermos aumentar a massa crítica ao nível de investigadores». O Reitor da UL adianta ainda que: «quando se lê os documentos que produzimos percebe-se que uma das nossas grandes preocupações é a integração no tecido universitário dos jovens investigadores, dos investigadores Compromisso Ciência, dos jovens investigadores que Portugal está a produzir e a qualificar bem, tanto internamente como externamente, mas aos quais não está a ser capaz de dar uma carreira científica».

Mas para alguns académicos a fusão entre as duas Universidades aumentará a complexidade da gestão e da administração, correndo o risco de se tornar menos eficiente.

A esse respeito António Cruz Serra refere que: «é óbvio que há riscos num processo destes, mas os riscos são muito claros. Uma universidade desta dimensão não pode deixar de ser gerida num quadro de grande autonomia das suas maiores escolas, não há maneira de conseguir fazer com a sofisticação e a eficiência que tem sido feita a gestão das grandes escolas da universidade sem ser num quadro de grande autonomia. Portanto, isso é um risco que seguramente não se corre».

Mas dentro da Universidade Técnica há também quem ponha a questão em relação aos perigos que a fusão pode trazer para a imagem externa do Instituto Superior Técnico (IST). Mas o Reitor da UTL, responde assim: «O IST é hoje uma das 30 principais escolas de engenharia da Europa, tem como objetivo estar nas vinte primeiras em pouco tempo, consegui-lo-á, manterá seguramente a sua marca e a sua relevância do ponto de vista nacional e internacional, mas há uma coisa que a nova universidade conseguirá. A nova universidade conseguirá que aquilo que tem sido o trabalho feito nas escolas onde a gestão é mais sofisticada seja levado a toda a universidade. E aquilo que são as condições que têm permitido o trabalho da internacionalização, da afirmação e na captação de receitas, na realização de projetos, é algo que nós queremos para toda a nova Universidade».

A fusão das universidades é considerada pelos reitores uma mais-valia para a captação fundos europeus.

António Sampaio da Nóvoa explica que: «temos que inevitavelmente ter uma capacidade de candidatura a fundos europeus muitíssimo superior aquela que temos hoje e essa é uma das razões para a criação desta nova universidade. Portugal ainda hoje contribui com mais dinheiro para a ciência na União Europeia (UE) do que recebe. Sendo um país ainda com grandes dificuldades do ponto de vista da afirmação científica, temos ainda um

défice e temos de ser capazes de captar isso».

Para além disso, acrescenta: «quando se olha para os temas definidos no Horizonte 2020, percebe-se que são temas de fronteira onde nós queremos apostar, mas percebe-se também que as duas universidades só em conjunto em muitas destas áreas, energias, ambiente, alterações climáticas, das comunicações, etc., é que são capazes de terem capacidade para se juntarem nessas candidaturas».

Com a aprovação do processo de negociação com Governo, Henrique Granadeiro, Presidente do Conselho Geral da Universidade de Lisboa deixou um alerta.

«Aquilo que nós fizemos hoje é apenas o impossível, agora falta fazer o difícil. E o difícil é bastante complicado de conseguir, mas de qualquer modo chegámos a uma plataforma e é aqui que começa agora a caminhada. E efetivamente fazer o difícil é muitas vezes muito complicado», afirma. Mas, acrescenta «a outra prevenção é o que é que isto não é. Isto não é a reforma do ensino superior em Portugal. Nem cabe à UL e à UTL essa aventura. Nós estamos apenas a sentir a interpelação do país na situação em que está, da oferta completamente inadequada do ensino universitário em Portugal às necessidades do país e sentindo-nos interpelados por essa interrogação do país. A UTL e a UL apresentam a sua resposta que tem que ver com a sua reforma em relação às necessidades do país e em relação à procura do saber que as gerações jovens vêm procurar à universidade».

Os reitores das duas Universidades têm já agendadas reuniões de negociação com o Ministério da Educação e Ciência e esperam que em um a dois meses seja tomada uma resolução para que a nova Universidade de Lisboa seja uma realidade no ano letivo de 2013/2014.